

Museologia

Roteiros Práticos

Planejamento de Exposições 2

PLANEJAMENTO DE EXPOSIÇÕES



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Jacques Marcovitch
Vice-reitor Adolpho José Melfi



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Presidente Plínio Martins Filho (Pro-tempore)

Comissão Editorial Plínio Martins Filho (Presidente)
José Mindlin
Laura de Mello e Souza
Murillo Marx
Oswaldo Paulo Forattini

Diretora Editorial Silvana Biral
Diretora Comercial Eliana Urabayashi
Diretor Administrativo Renato Calbucci
Editor-assistente João Bandeira

PLANEJAMENTO DE EXPOSIÇÕES

Título do original inglês: *Effective Exhibitions Guidelines for Good Practice*

Copyright © 2001 by Museums & Galleries Commission

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Museums and Galleries Commission

Planejamento de Exposições / Museums and Galleries Commission; tradução de Maria Luiza Pacheco Fernandes. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Vitae, 2001. – (Série Museologia, 2)

Título original: *Effective Exhibitions Guidelines for Good Practice*

ISBN 85-314-0644-7

1. Exposições – Organização 2. Museologia I. Título. II. Série.

01-3279

CDD-069.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Exposições: Museologia

069.1

Direitos em língua portuguesa reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo

Av. Prof. Luciano Gualberto, Travessa J, 374

6º andar – Ed. da Antiga Reitoria – Cidade Universitária

05508-900 – São Paulo – SP – Brasil – Fax (0xx11) 3818-4151

Tel. (0xx11) 3818-4008 / 3818-4150

www.usp.br/edusp – e-mail: edusp@edu.usp.br

Printed in Brazil 2001

Foi feito o depósito legal

SUMÁRIO

Apresentação	9
Introdução	11
Museums & Galleries Commission	13
Agradecimentos	15
Prefácio	17
Planejamento de Exposições	19
Plataforma Básica para Exposições	21
Planejando Sua Exposição	23
Você Pensou em...?	25
Pontos-chave	27
Estudos de Casos	29
1. Trabalho de equipe: uma abordagem integrada para o desenvolvimento da exposição	29
2. Desdobramento: uma exposição temporária em Welshpool ...	30
3. “Alguém para Amar”: aumentando o impacto de uma exposição	31

APRESENTAÇÃO

Tornar disponíveis em língua portuguesa publicações de interesse para a área de museologia, a partir de originais publicados no Reino Unido pela Museums & Galleries Commission (MGC)/(Comissão de Museus e Galerias), constitui um marco em nosso país para o acesso à literatura especializada nessa área do conhecimento. Em vista da carência de publicações sobre o assunto, esperamos que essa iniciativa seja o primeiro passo para que se possa ampliar esse esforço, tão necessário para a formação e a atualização de profissionais.

Temos muito que agradecer à generosidade da Museums & Galleries Commission de possibilitar essa iniciativa, com a integral cessão de direitos autorais para a presente publicação e tiragens subsequentes, consolidando a missão educacional dessa instituição dentro e fora do Reino Unido.

Regina Weinberg

DIRETORA EXECUTIVA/VITAE - APOIO À CULTURA, EDUCAÇÃO E PROMOÇÃO SOCIAL

INTRODUÇÃO

A tradução para o português e a veiculação do texto *Planejamento de Exposições* se insere no do programa de apoio aos museus que a Vitae vem desenvolvendo. Preenche uma das lacunas existentes na área da bibliografia especializada e estimula os museus a desenvolverem, com suas equipes, este tipo de trabalho interdisciplinar, independentemente do seu porte e/ou do tamanho de sua equipe. O texto original foi produzido pela Museums & Galleries Commission, um organismo britânico criado em 1931 para prestar consultoria especializada, objetivando o aprimoramento das equipes dos museus.

O texto chama a atenção para a importância da área de exposição afirmando “para a maior parte dos visitantes as exposições são o museu. Elas fornecem o ponto principal de contato com as coleções do museu e as informações a elas associadas, oferecendo ao mesmo tempo diversão e esclarecimento”.

Considerando a importância das exposições, o seu papel, o custo e a complexidade na realização, o guia se propõe a oferecer uma orientação prática que facilite o desenvolvimento do trabalho e desperte uma reflexão crítica acerca dessas exposições.

Uma ênfase muito grande é dada ao planejamento que inclui a definição de objetivos, o perfil da equipe adequada ao desenvolvimento do projeto e de seus eventuais convidados, a definição do público alvo, os recursos financeiros que deverão ser alocados e espaço físico necessário. Além do planejamento minucioso é necessária a permanente avaliação do processo.

Há a preocupação em definir o trabalho das exposições como interdisciplinar e integrado. A equipe que o desenvolverá deverá ser formada desde o primeiro momento, cabendo relevante papel ao coordenador, que poderá ser um profissional de qualquer das áreas envolvidas, desde que tenha aptidão para liderar e garantir a concretização do trabalho.

O texto reforça a idéia de que qualquer museu poderá conduzir o seu projeto se tiver clareza na formulação de seus objetivos e seriedade e propriedade em seu planejamento e sua execução. O guia é um estímulo à produção dos museus que sofrem atualmente a tentação de se transformarem em meros espaços de recepção para exposições itinerantes de outras instituições ou organismos.

A exposição é encarada como um trabalho de elaboração interna do museu, independente de haver ou não curador ou especialista de fora particularmente convidado para o projeto; é portanto um fenômeno endógeno ao museu e ao mesmo tempo exógeno por estar voltado para o público-alvo a que se destina.

Os estudos de caso apresentados reforçam a idéia de que exposição é ação com reflexão, é experimentação, é prática embasada em teoria, é ensaio e erro.

SOLANGE DE SAMPAIO GODOY é museóloga e dirigiu o Museu de Arte Moderna de Resende, o Museu do Primeiro Reinado e o Museu Histórico Nacional coordenando, neste último, a montagem do atual circuito de exposições de longa duração.

MUSEUMS & GALLERIES COMMISSION

A Museums & Galleries Commission (MGC) é o órgão nacional de consultoria para museus no Reino Unido. Promove os interesses dos museus e instituições afins e incumbe-se de um trabalho estratégico para elevar seu padrão. A MGC presta assessoria prática e especializada a museus e outras instituições e aconselha o governo quanto a políticas museológicas. Por meio do seu trabalho, a MGC visa a estimular o maior número possível de pessoas a visitar e apreciar os museus e instituições afins da nação.

AGRADECIMENTOS

A MGC agradece aos membros do Grupo Consultivo a contribuição dada para esta publicação:

Mandy Barnett (Grupo de Museus e Projetos de Exposições)

Alison Coles (Comissão de Museus)

David Martin (Associação de Museus)

Isla McLeod (Associação de Museus Autônomos)

Hywel Pontin (Grupo de Exposições Itinerantes)

Liz Ritchie (Comitê dos Conselhos Regionais de Museus)

Helen Sinclair (Associação para a Questão dos Deficientes em Museus)

Emma Web (Grupo para Educação em Museus)

O *Guia Prático* da MGC pretende dar assistência aos curadores e administradores de museus no sentido de alcançarem um alto padrão de serviços em seus estabelecimentos. Cada série do *Guia* é feita com a assessoria de especialistas com larga experiência em museus. Trata-se de um *Guia* de aconselhamento que busca dar apoio aos profissionais de museus que tentam desenvolver seu trabalho além do padrão mínimo exigido pelo Plano de Certificação para museus e instituições afins.

PREFÁCIO

Para a maior parte dos visitantes, as exposições são o museu. Elas se constituem no contato inicial com os acervos do museu e as informações a eles associadas, oferecendo ao mesmo tempo diversão e conhecimento.

Todos aqueles envolvidos na organização de exposições têm uma enorme responsabilidade para com o público. Eles são intermediários entre os acervos dos museus e os visitantes que vêm para apreciá-los. São poucos os museus que expõem seus acervos sem preocupar-se com um mínimo de orientação e que deixam que o público tire suas próprias conclusões; a maioria está bastante consciente da necessidade de oferecer uma mostra atraente e que prenda a atenção. Na verdade, o custo da produção constitui muitas vezes uma das rubricas mais importantes do orçamento de capital de um museu e as tarefas envolvidas na criação de novas mostras são consideradas como as mais importantes.

Descobrimos muito nos últimos anos sobre a maneira como as pessoas aprendem com as mostras. As exposições, se forem feitas com atenção e imaginação, podem inspirar, surpreender e educar. No entanto, ainda há museus que, em vez de serem um prazer a ser explorado, são cansativos para o visitante. Esta situação ocorre quando a insistência da equipe do museu em contar uma história específica, por meio de um caminho específico, exclui a descoberta ao acaso; ou quando o domínio de um(a) “especialista”, que só quer exhibir seus conhecimentos, resulta em excesso de palavras, linguagem muito técnica e confusão em vez de clareza.

As exposições são muito mais do que o simples processo de colocar objetos em vitrines ou quadros em paredes com um texto e legendas. Muitos fatores diferentes influem na

comunicação da exposição com o visitante: cor, textura, som e iluminação; a maneira como objetos de diferentes períodos, culturas ou áreas de conhecimento são agrupados; a distribuição de espaço na apresentação; a adequação do texto ao público-alvo e a linguagem usada; a maneira como os objetos são apresentados (como testemunho, elementos cenográficos, elementos de comparação ou símbolos), e a seleção de material contextual (tais como os esboços iniciais para uma pintura, o testemunho do autor ou do usuário, fotos de um objeto durante a produção, em uso ou durante a conservação). Os mesmos objetos usados em diferentes montagens podem contar histórias diferentes e fornecer novas perspectivas ou visões. Por exemplo, apenas pela mudança de abordagem, o mesmo grupo de objetos de uso doméstico do século XVIII pode mostrar como era a vida dos ingleses das classes média e alta em suas casas ou as novas e dramáticas ligações proporcionadas pelo comércio colonial.

Para garantir resultados mais agradáveis e educativos em qualquer exposição, é essencial definir o público-alvo e o objetivo do museu a fim de se obter o conhecimento necessário para desenvolver uma abordagem apropriada e aprender a partir de experiências anteriores. A preparação e a montagem de uma exposição pode ser um dos processos mais desanimadores e, ao mesmo tempo, mais empolgantes em que os profissionais de museus podem se envolver. Os princípios expostos nesta publicação têm a intenção de ajudá-los a produzir exposições eficazes, cheias de vida e ao mesmo tempo informativas e estimulantes.

Valerie Bott

Vice-diretora/Museum & Galleries Commission

PLANEJAMENTO DE EXPOSIÇÕES

- As exposições constituem um instrumento-chave para permitir o acesso público aos acervos de museus. Podem ser inovadoras, inspiradoras e conduzir o visitante à reflexão, proporcionando ótimos momentos de prazer e aprendizagem. No entanto, é necessário um cuidadoso planejamento, incluindo a questão dos custos envolvidos, para que a exposição seja um sucesso. As presentes diretrizes oferecem uma síntese para um trabalho eficiente de organização de uma exposição.
- Estas diretrizes são relevantes para todos os tipos de exposições, incluindo exposições temporárias com orçamento limitado em museus dirigidos por voluntários, exposições de longa duração em grandes museus, exposições itinerantes e reestruturação de exposições. (Consulte as publicações da MGC sobre exposições itinerantes para obter orientação quanto a outras questões referentes a este tipo de exposição.)
- Esta publicação é destinada a todos aqueles que dirigem museus e instituições afins, independentemente de suas dimensões, de seus recursos financeiros, de seu quadro funcional, de sua estrutura administrativa e de seu acervo.

PLATAFORMA BÁSICA PARA EXPOSIÇÕES

Você definiu a função das exposições no seu museu ?

É importante pensar sobre o que pretende alcançar com as exposições, incluindo as temporárias e as itinerantes. É necessário que leve em conta sua missão e sua filosofia em relação à pesquisa, gerenciamento de acervo, educação e acesso público, assim como a natureza do acervo.

Você já definiu por escrito a plataforma para exposições?

É útil pôr suas idéias no papel, para servir de plataforma para as decisões sobre exposições. O papel das exposições deve ser incluído no seu plano diretor, a ser revisto periodicamente. Seria adequado definir por escrito a política¹ das exposições, a ser aprovada pelo conselho do museu².

Você tem por escrito um plano de ação para exposições com objetivos de curta e longa duração?

Este plano de ação será derivado de sua plataforma para exposições e definirá o que você deseja alcançar com o programa de exposições a curto e longo prazos. Um plano de ação define metas, cronogramas e recursos necessários.

Você utiliza “expertises” diversas na organização de exposições?

É importante basear-se, tanto quanto possível, em conhecimento especializado, obtido dentro do próprio museu ou fora dele. Especialistas na salvaguarda do acervo, na curadoria, no “design” de exposições, na educação, no “marketing” e na segurança darão uma contribuição valiosa

1. “Política” é uma declaração de princípios, aprovada pela instância superior dos museus, que orienta o desenvolvimento de um plano de ação detalhado.
2. “Conselho” é o órgão máximo do museu, formado por pessoas físicas, ao qual compete a responsabilidade final sobre a política e as decisões relacionadas à governabilidade do museu (adaptado da definição da Associação de Museus).

para a estrutura e o plano de ação, assim como para os projetos das exposições. Quando não houver especialistas disponíveis, você terá que se basear no que lhe parecer ser a opinião provável de um especialista.

PLANEJANDO SUA EXPOSIÇÃO

Você decidiu quem vai estar envolvido com o planejamento da exposição?

O ideal será você organizar uma equipe para o projeto que inclua uma diversidade de especialistas da casa e de fora. Se isto não for possível, você deverá se esforçar para obter o aconselhamento de um número razoável de especialistas e examinar cuidadosamente os diferentes pontos de vista. É muito importante organizar a equipe logo no estágio inicial da concepção do projeto. Será preciso ter um coordenador geral para o projeto, de qualquer área de especialização e com autoridade para encontrar o equilíbrio entre exigências conflitantes. Membros da equipe podem necessitar de treinamento ou outros tipos de apoio para desempenhar suas funções.

Você já decidiu qual será o tema e a finalidade da exposição?

Sua plataforma para exposições, os acervos disponíveis (do próprio museu ou emprestados), as medidas de conservação e segurança, os possíveis métodos interpretativos e as oportunidades de aprendizagem irão influenciar suas decisões. É também aconselhável consultar membros do público-alvo (veja abaixo) e se basear em outras pesquisas de público.

Você já definiu seu público-alvo?

Isto o ajudará a adaptar a exposição às necessidades, aos interesses e às preferências do visitante. Você terá que conhecer o perfil do seu visitante habitual, assim como a enorme variedade de visitantes em potencial. O público-alvo poderá incluir uma grande variedade de idades, aptidões e diferenças culturais.

Você sabe quais os recursos financeiros, humanos e de espaço físico disponíveis?

Discutir estas questões no início do projeto poderá ajudá-lo a determinar sua extensão. Haverá necessidade de se fazer um orçamento em linhas gerais, relacionando todos os custos com funcionamento, manutenção e reformas, indicando a origem de fundos para cada item. Você deverá controlar regularmente o orçamento. Ao avaliar o espaço disponível, você terá que levar em consideração as necessidades de conservação, segurança e circulação do visitante.

Você fixou um cronograma apropriado e realista?

Você deverá considerar cuidadosamente os vários estágios do projeto e os fatores que poderão afetar o seu progresso. É importante fixar um prazo para cada estágio e monitorar o progresso sistematicamente. As datas de abertura da exposição e o horário de funcionamento devem refletir as necessidades do público-alvo, considerando também eventos externos que possam interferir na visitação. A duração proposta para a exposição afetará decisões sobre o seu conteúdo, seu “design” e sua montagem.

Você planejou o conteúdo e o “design” da exposição tendo em vista o público ao qual é dirigida?

É importante ter em mente o público-alvo ao tomar decisões práticas sobre as exposições, inclusive os objetos a serem usados, o roteiro, o estilo e o tamanho do texto, os métodos de interpretação, o “design” e a distribuição das peças no espaço físico.

Você redigiu seu projeto de exposição ?

Você poderá garantir uma compreensão maior do que está a realizar, ao produzir, em conjunto com todos os envolvidos na exposição, um documento ou resumo e distribuí-lo a todos. Deve abranger todas as áreas acima mencionadas, bem como os pontos que serão discutidos em seguida.

VOCÊ PENSOU EM...?

... garantir a segurança dos objetos?

É importante, logo de início, avaliar as necessidades de conservação, de exibição, os fatores ambientais, o seguro e a segurança dos objetos, atentando para as exigências específicas dos proprietários de peças emprestadas, e planejar medidas que garantam sua segurança.

... garantir a segurança dos visitantes?

Durante o planejamento, deverão ser levadas em consideração as implicações sanitárias e de segurança da exposição, avaliando todos os riscos e consultando especialistas, quando necessário.

... garantir que as informações sobre a exposição sejam precisas e levem em conta diferentes pontos de vista?

Durante o desenvolvimento de uma exposição, deve-se considerar a importância das pesquisas sobre os objetos e seus contextos, bem como da disseminação desse conhecimento. Pode ser necessário ouvir a opinião de um especialista para ter certeza de que a informação oferecida na exposição é precisa e atualizada, tendo em vista a duração prevista para a mostra. Você terá que estar atento à variedade de pontos de vista (culturais, por exemplo) de seu público, consultando grupos locais quando for apropriado.

... maximizar o acesso à exposição?

É relevante prever a maior possibilidade de acesso físico, sensorial e intelectual à exposição, bem como o maior conforto possível para visitantes de todas as idades e condições físicas. Isto terá que ser encarado como parte integrante do processo de planejamento.

... maximizar as oportunidades de aprendizado ?

A exposição deve ser planejada com uma atenção especial em relação à variedade de maneiras pelas quais as pessoas gostam de aprender. Você pode valorizar o lado educativo da exposição, atingindo um público maior, por meio de recursos adicionais, tais como material impresso, monitores bem treinados, eventos e atividades públicas e, também, pelo uso de novas tecnologias de informação. Planejar estes recursos, inclusive seu custo ao longo da exposição, garantirá sua completa integração.

... como promover a exposição ?

É necessário planejar a divulgação da exposição logo de início, assegurando que o veículo e o conteúdo estejam adequados ao público-alvo. Também é importante planejar, desde as etapas iniciais da elaboração do projeto, os objetos relativos à exposição a serem comercializados.

... monitorar a exposição ?

É preciso monitorar regularmente as condições ambientais e de segurança dos objetos, o desgaste da exposição, bem como o conforto e segurança do público. Pode ser necessária a adoção de medidas corretivas.

... avaliar a exposição ?

Avaliar o impacto da exposição e os recursos associados em etapas diferentes ajudará a ter certeza de que os objetivos pretendidos foram atingidos e servirá de orientação para futuros projetos. Você poderá testar idéias logo no começo, como por exemplo por meio de maquetes de vitrines e de pesquisas com o público quando a exposição já tiver começado.

PONTOS-CHAVE

A MGC recomenda a todos os museus e instituições afins:

- Formular por escrito uma plataforma para exposições (de longa duração, temporárias e itinerantes).
- Ter uma política para exposições, com objetivos a curto e longo prazos.
- Utilizar conhecimento multidisciplinar para o desenvolvimento de exposições.
- Definir o objetivo da exposição e o seu público-alvo, planejando o conteúdo e a forma de apresentação adequados a este público.
- Garantir a segurança dos objetos e do público nas exposições.
- Garantir que as informações sejam exatas e que levem em conta diferentes pontos de vista.
- Maximizar o acesso e as oportunidades de aprendizagem para pessoas de todas as idades, condições físicas e formações culturais.
- Avaliar as exposições.

ESTUDOS DE CASOS

1. **TRABALHO EM EQUIPE: UMA ABORDAGEM INTEGRADA PARA O DESENVOLVIMENTO DA EXPOSIÇÃO** KAREN HULL, Diretora do Reading Museum Service
- Nós todos acertamos de vez em quando, mas como conseguir acertar sistematicamente? O “Reading Museum Service” vem desenvolvendo um processo para o aperfeiçoamento das exposições no qual a questão central é definir, em primeiro lugar, o contexto certo. Na maioria dos exemplos práticos, quase tudo é senso comum. Diz o senso comum que acervos, educação e exposições são elementos inseparáveis no processo museológico. Acervos e educação são elementos inseparáveis de qualquer exposição. No “Reading” nós partimos da premissa de que todos esses elementos são parceiros iguais – não deveria haver barreiras ou divisões.
- Toda exposição tem uma equipe de projeto proveniente de diversas áreas: educação, exposições e acervos. A equipe é, portanto, interdisciplinar desde sua concepção. O processo de cada exposição começa com um “brainstorming” e o planejamento, seguidos da produção, operacionalização, desmontagem e avaliação final. Existe espaço para que os membros da equipe dêem a sua contribuição em qualquer estágio, e as funções podem ser alternadas; é possível que um educador seja o coordenador do projeto. Toda a equipe assume em conjunto a responsabilidade pelo projeto e toma parte nas decisões finais sobre todos os aspectos da exposição, desde a cor das paredes até as atividades, os eventos e os elementos interativos.
- O Reading Museum Service trabalhou em muitas exposições até chegar a esse ponto, aprendendo cada vez mais sobre o assunto. Tendo desenvolvido este processo, estamos agora totalmente convencidos de que esta é a maneira pela qual continuaremos a projetar exposições no futuro. Sabemos o quanto é importante a integração entre os saberes dos

especialistas em educação e nos acervos e os saberes dos especialistas em exposições, e o quanto precisamos uns dos outros para fazermos com que as exposições funcionem.

2. **DESDOBRAMENTO:** EVA BREDSORFF, Curadora do Powysland Museum,
UMA EXPOSIÇÃO Welshpool (Montgomeryshire)

TEMPORÁRIA EM
WELSHPOOL

Há alguns anos me dei conta de que exposições que precediam o Natal, no Museu de Powysland, um pequeno museu local, eram moldadas de acordo com a cultura ocidental e a religião cristã. Apesar de Welshpool não ser uma comunidade com grande diversidade cultural, achei que seria do interesse dos moradores locais aprender sobre outras religiões. Descobri que focalizando as festividades de inverno e prolongando o período da exposição, poderia incluir importantes celebrações das grandes religiões do mundo.

Além de conversar com pessoas do lugar, como os membros da pequena comunidade judaica, fiz contato com o escritório das “Relações de Fé” de Wolverhampton, uma organização dedicada à reconciliação de todas as religiões. Uma visita aos seus escritórios e aos locais de encontros religiosos foi seguida por um contato pessoal com os líderes das principais religiões da cidade. A resposta foi bastante positiva e resultou em vários encontros, convites para festivais religiosos e no empréstimo de objetos de culto.

Estudei cada religião cuidadosamente e discuti com seus seguidores. No entanto, conversando com dois professores muçulmanos, cheguei à conclusão de que meu conhecimento era somente superficial e de que seria errado eu própria tentar interpretar as religiões. Decidi então que, sempre que

possível, o texto na exposição consistiria em citações diretas de material publicitário produzido pelos seguidores de cada religião. A cada religião foi destinado um espaço igual na exposição. Membros de cada uma das religiões conferiram os textos e aprovaram o conteúdo das vitrines. O “Festival de Inverno das Religiões do Mundo” teve grande cobertura da imprensa e obteve enorme sucesso em Welshpool, atraindo inclusive diversas escolas locais.

3. **“ALGUÉM PARA AMAR”:
AUMENTANDO O IMPACTO DE UMA EXPOSIÇÃO**

MARK ROWLAND-JONES, Secretário de Desenvolvimento de Museus, Stockton-on-Tees Borough Council

Realizar uma exposição é somente metade da batalha. Como muitos outros serviços prestados pelo museu, nós em Stockton sabemos da necessidade de prover – quando os recursos limitados permitem – uma série variada e intensa de atividades para aumentar o impacto de uma exposição.

A exposição “Food for Thought” apresenta a história da produção de alimentos e dietas na região de Stockton e está sendo exibida em três museus: Billingham Art Gallery, Preston Hall Museum e Green Dragon Museum. Trata sucintamente da questão dos distúrbios alimentares, mas sentimos que havia necessidade de explorar o tema mais a fundo e de um modo mais dinâmico, direto e aberto à discussão do que seria possível numa exposição de orçamento limitado. Num dos estágios iniciais do processo de planejamento da exposição entramos em contato com o Dovecot Youth Theatre e o Health Promotion Service para discutir a idéia de uma peça teatral tendo em vista um público mais abrangente. Juntos conseguimos doações de várias fontes para pagar o autor que escreveria o roteiro, trabalhar com os membros do Youth

Theatre e viajar com a peça e as oficinas que a acompanham. “Alguém para Amar” foi encenada para, aproximadamente, 750 crianças de 12 e 13 anos em sete escolas e ainda visitará um centro juvenil e um “pub”. Estamos planejando uma outra excursão para atender à enorme demanda, durante a qual pretendemos desenvolver um arquivo oral/escrito do comportamento dos jovens quanto ao assunto e às experiências com distúrbios alimentares.

Outras atividades estão acontecendo na própria galeria, incluindo degustação de alimentos e um programa de “living history” (história ao vivo) para crianças do curso fundamental sobre o modo de vida dos povos saxões. Os programas têm sido um sucesso para atrair visitantes à exposição. Para futuras exposições estamos planejando uma peça sobre a Primeira Guerra Mundial, palestras e leitura de poesias que irão acompanhar uma exposição comemorativa dos 75 anos da construção do Mausoléu de Stockton. Também estão previstas atividades que visam especificamente à comunidade asiática local para acompanhar uma exposição itinerante de tecidos asiáticos.

Ampliar o alcance de uma exposição para além do espaço tradicionalmente destinado à mostra requer mais esforço e planejamento. Entretanto, ao se proporcionar atividades adicionais, desde simples folhetos até peças teatrais que atinjam o grande público, pode-se aumentar significativamente o impacto educativo e de entretenimento da exposição, estendendo seu valor e interesse para um público muito mais amplo.

<i>Título</i>	<i>Planejamento de Exposições</i>
<i>Autor</i>	MGC
<i>Tradução</i>	Maria Luiza Pacheco Fernandes
<i>Produção</i>	Marcelo Masuchi Neto
<i>Projeto Gráfico</i>	Marcelo Masuchi Neto
<i>Capa</i>	BC & H Design
<i>Editoração Eletrônica</i>	Marcelo Masuchi Neto
<i>Revisão Técnica</i>	Solange de Sampaio Godoy
<i>Editoração de Texto</i>	Alice Kyoko Miyashiro
<i>Revisão de Texto</i>	Claudia Agnelli
<i>Revisão de Provas</i>	Claudia Agnelli Tania Mano Maeta Juliana Simionato
<i>Divulgação</i>	Regina Brandão Évia Yasumaru Guilherme Maffei Leão
<i>Secretaria Editorial</i>	Eliane Reimberg
<i>Formato</i>	19,5 x 26,8 cm
<i>Mancha</i>	9 x 19,3 cm
<i>Tipologia</i>	Aldine 401 BT 10/17
<i>Papel</i>	Cartão Supremo 250 g/m ² (capa) Offset Pigmentado 90 g/m ² (miolo)
<i>Número de Páginas</i>	40
<i>Tiragem</i>	3000
<i>Fotolito</i>	Binhos Fotolito
<i>Impressão e Acabamento</i>	Lis Gráfica

A Edusp é afiliada à

ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME